

O nacional-desenvolvimentismo

Abertura

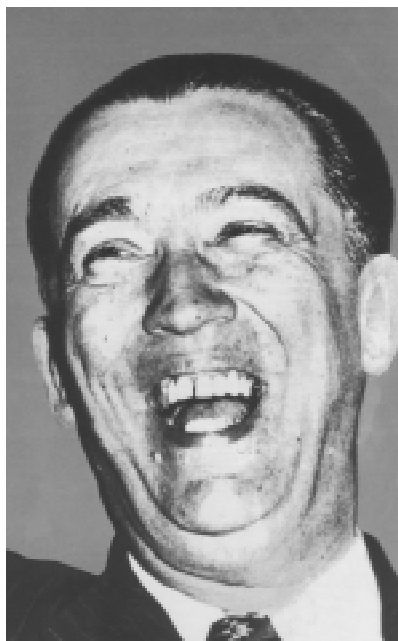
O período de 1956 a 1961 aparece no cenário político brasileiro como o da estabilidade política. Juscelino Kubitschek foi o único presidente civil que, entre 1930 e 1994, conseguiu manter-se até o fim do mandato presidencial por meios constitucionais.

A população brasileira viveu uma fase de muito otimismo. O país alcançava altos índices de crescimento. Novas indústrias eram criadas e, muito importante, ampliava-se consideravelmente o número de empregos. Além de tudo isso, dava-se início à construção e inauguração da nova capital, Brasília.

Como explicar a estabilidade política em um país que saía de uma crise que levava um presidente ao suicídio? Como Juscelino Kubitschek conseguiu conquistar o apoio dos políticos, dos militares, dos empresários, da população? Como, e a que preço, executou seu programa de desenvolvimento econômico?

Movimento

Um começo difícil: a eleição e a posse



Juscelino Kubitschek

Com a morte de Vargas, subiu ao poder o vice-presidente João Café Filho, que deveria preparar as eleições de outubro de 1955 para um novo mandato presidencial. O seu governo foi formado por muitos antigetulistas e tinha vários políticos da UDN.

Em fevereiro de 1955, o PSD lançou oficialmente o seu candidato à presidência: o então governador de Minas Gerais, Juscelino Kubitschek de Oliveira. Imediatamente surgiu uma oposição a essa candidatura, por parte da UDN e dos grupos antigetulistas. Eles começaram a defender a intervenção dos militares para impedir a realização das eleições, pois viam na possível vitória de Juscelino um retorno ao passado, ao período Vargas.

A situação se complicou ainda mais com o lançamento da candidatura de João Goulart à vice-presidência, pelo PTB, na chapa de Juscelino. Isso porque a união dos dois partidos, PSD e PTB, reforçava as chances de vitória eleitoral de seus candidatos.

Havia ainda um outro problema: o nome de Goulart, ex-ministro do Trabalho de Getúlio, fornecia fortes argumentos para que se identificasse a chapa PSD-PTB como a ressurreição do que havia de mais negativo no governo Vargas.

Para complicar de vez a situação, o Partido Comunista Brasileiro, mesmo clandestino, resolveu lançar um manifesto de apoio à chapa PSD-PTB.

Volte à aula anterior e veja quais as razões que justificavam a reação dos antigetulistas contra João Goulart, o popular Jango. Faça um pequeno resumo.

Pausa

Outros candidatos também disputavam essa eleição. A UDN, junto com outros pequenos partidos como o Partido Democrata Cristão (PDC), o Partido Socialista Brasileiro (PSB) e o Partido Libertador (PL), lançou o nome do general Juarez Távora. Concorriam ainda o paulista Ademar de Barros, pelo Partido Social Progressista (PSP), e Plínio Salgado, antigo líder do movimento integralista, pelo Partido de Representação Popular (PRP).

Afinal saiu vitoriosa a chapa Juscelino-Jango, com 36% dos votos. Abriu-se então um período de contestação desse resultado. Mais uma vez, os perdedores invocaram a tese da maioria absoluta: a chapa do PSD-PTB não tinha alcançado a metade dos votos mais um. A oposição também usou como argumento o fato de que Juscelino se elegera com os votos dos comunistas, o que feria a legitimidade da eleição.

Você sabe o que isso significa? Significa que o Partido Comunista, considerado um partido ilegal em 1947, não poderia eleger um candidato.

Ainda para tentar impedir a posse dos eleitos, falava-se muito em fraude e corrupção durante a eleição. Na verdade, os grupos que haviam trabalhado para afastar Vargas do poder e que tiveram o apoio de lideranças militares estavam novamente perdendo a chance de assumir o controle do governo. Por isso, a oposição começou a fazer todo o possível para impedir a posse dos vencedores. Abriu-se então uma nova crise política, que teve o seu ponto culminante no chamado **movimento do 11 de novembro**.

Esse movimento foi liderado pelo general Henrique Teixeira Lott, ministro da Guerra do presidente Café Filho. Tudo começou quando, no início de novembro de 1955, morreu o general Canrobert Pereira da Costa, presidente do Clube Militar e um dos mais importantes opositores de Vargas nos meios militares. Durante o enterro, o coronel Bizarria Mamede, um dos que haviam assinado o manifesto dos coronéis (volte à Aula 31), aproveitou para fazer um discurso violento contra a eleição de Juscelino e Goulart.

O general Lott, tentando evitar a politização dentro das forças armadas, pediu ao presidente da República a punição de Mamede. Naquele momento, ocupava interinamente a presidência o presidente da Câmara dos Deputados, Carlos Luz. Luz estava substituindo Café Filho, que fora hospitalizado por problemas cardíacos.

Carlos Luz negou-se a punir o coronel Mamede. O general Lott então pediu demissão; a seguir, mudou de idéia e encabeçou um movimento que destituiu Carlos Luz e colocou no governo Nereu Ramos, presidente do Senado.

Essa intervenção militar – ou “contragolpe preventivo”, como foi chamada – teria por objetivo neutralizar uma suposta conspiração tramada no interior do próprio governo com o fim de impedir a posse do presidente eleito.

Nereu Ramos exerceu a presidência até Juscelino e Goulart tomarem posse, em 31 de janeiro de 1956, numa situação de censura à imprensa, estado de sítio – enfim, de grande tensão política.

Você já percebeu que Juscelino teria de ser muito habilidoso para superar todas as crises que iriam se manifestar durante o seu governo. Mas era um homem que sabia lutar pelos seus objetivos.

Ele mesmo assim se definia:

De meu governo nunca se poderá dizer que não soube o que queria e que não soube querer. Quando assumi a Presidência da República, tinha perfeitamente definidos os objetivos a que me lançaria, com todo empenho que me fosse dado concentrar, com a firme determinação que, mercê de Deus, nunca me faltou (...). Sempre soube o que queria. Sempre soube querer.

A estabilidade: a aliança PSD-PTB e as forças armadas

JK, nome pelo qual ficou conhecido Juscelino Kubitschek, iniciou o seu governo com um apoio maciço no Congresso. Esse apoio veio da aliança entre o PSD e o PTB, que se fizera durante a eleição e que permaneceu durante todo o seu governo.

Juscelino formou o seu ministério com uma maioria de políticos do PSD, partido que tinha o maior número de deputados no Congresso. Reservou para o PTB seis ministérios, entre eles o do Trabalho e o da Agricultura. Para o Ministério da Guerra, convidou o general Henrique Teixeira Lott.

Em tempo

Veja só a habilidade do presidente JK! Compôs seu ministério de forma a controlar possíveis conflitos. O PSD dava apoio para a sua política econômica e mantinha o controle sobre as bases rurais. O PTB, controlando o Ministério do Trabalho, os sindicatos e os institutos de previdência, poupava o governo de tomar medidas repressivas ou antipáticas em momentos de reivindicação salarial. Assim, Juscelino protegeu-se de problemas vindos dos dois lados: do campo e da cidade.

O general Lott foi uma peça-chave no controle dos militares. Era um homem que não demonstrava simpatias partidárias, o que permitia neutralizar todas as divisões entre a oficialidade. Além disso, Juscelino procurou atender às reivindicações da corporação militar.

Você está lembrado de que uma das críticas que os militares fizeram ao governo Vargas no manifesto dos coronéis era a de que eles eram mal remunerados, seus equipamentos eram velhos, ultrapassados etc. Pois bem: Juscelino procurou equipar melhor as forças armadas, destinando recursos para a produção de material bélico; deu aumentos salariais, promoveu mesmo aqueles que lhe faziam oposição, deu recursos para a ampliação dos colégios e academias militares, investiu na modernização dos fortes, reaparelhou a Força Aérea Brasileira (FAB).

Essas medidas foram mudando a imagem de Juscelino junto aos militares, que inicialmente o viam como o herdeiro de Vargas e, por isso, não o aceitavam.

A política econômica: o Plano de Metas

O Brasil não produzia automóveis quando se iniciou o governo JK. No entanto, ao se encerrar o seu mandato presidencial, a nova indústria automobilística já produzia 81.753 automóveis e 51.325 caminhões.

A política adotada por Juscelino, que permitiu um salto na economia brasileira e foi chamada de **nacional-desenvolvimentista**, baseou-se em três orientações:

- aumento da intervenção do governo na economia;
- incentivo aos empresários nacionais para que ampliassem e abrissem novas indústrias;
- incentivo aos empresários estrangeiros para que viessem instalar aqui seus empreendimentos.

Vimos que, até o governo Vargas, os grupos que discutiam a orientação a ser dada ao nosso desenvolvimento ainda não aceitavam juntar esses três parceiros. Mas Juscelino conseguiu fazê-lo. Recebeu o apoio de políticos, empresários, militares, jornalistas e intelectuais para a sua política econômica. É verdade que os grupos nacionalistas olhavam para ela com desconfiança – mas percebiam que o país estava se desenvolvendo.

Foi no Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB) que um grupo de intelectuais formulou muitas das idéias sobre o desenvolvimento nacionalista. Eles defendiam que a industrialização deveria ser feita pelos empresários nacionais, pois essa seria a única maneira de o Brasil se tornar um país autônomo, independente.

Esse grupo não aceitava que os empresários estrangeiros explorassem determinadas indústrias que eram vistas como suporte para outras, como a siderurgia, por exemplo. Mas, de toda forma, o grupo apoiou a política adotada por Juscelino, por ver nela pontos em comum com as suas idéias.



Juscelino Kubitschek na Caravana de Integração Nacional, fevereiro de 1960.

Por outro lado, o programa de desenvolvimento de Kubitschek ia ao encontro dos desejos dos militares, que queriam que o Brasil deixasse de ser pobre para evitar a penetração de idéias comunistas.

A Escola Superior de Guerra (ESG) foi um dos centros de estudo nos quais se defendeu a tese de que era preciso um desenvolvimento rápido para que o Brasil garantisse sua segurança nacional. Para isso, teríamos de nos aliar aos países que combatiam o comunismo, ou seja, os Estados Unidos e os países da Europa Ocidental. Não é difícil perceber que os militares da ESG eram favoráveis à vinda de capitais estrangeiros para ajudar o Brasil a se desenvolver.

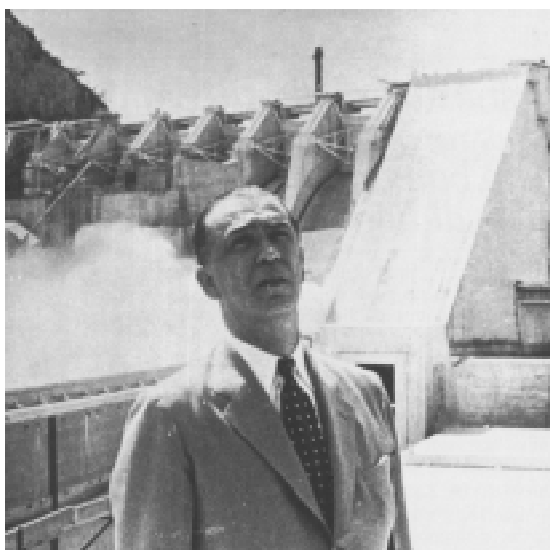
A política econômica do governo Kubitschek ficou definida no **Plano de Metas**. Esse plano continha trinta objetivos, ou metas, que deveriam ser atingidos em cinco anos. O plano previa integrar o desenvolvimento industrial com o desenvolvimento de setores como estradas, energia, transportes, portos e educação. Previa também a construção da nova capital, Brasília, que era chamada de **meta-síntese**. Para fazer o Plano de Metas, o governo JK criou os

Grupos Executivos, órgãos administrativos especiais que se encarregavam de todas as providências necessárias para que as metas fossem cumpridas.

Esses grupos eram integrados tanto por administradores públicos como por industriais e especialistas da área em que o grupo atuava. Ficavam ligados diretamente ao presidente da República, o que lhes dava autonomia e agilidade para trabalhar. Com isso, os ministérios e o Congresso não podiam interferir nas orientações e decisões. O que Juscelino queria era que as metas fossem cumpridas, que não sofressem atraso por razões políticas.

A criação dos **Grupos Executivos** foi uma inovação política e administrativa. Além desses grupos, o governo criou outros órgãos paralelos aos que já existiam na administração pública, também como forma de agilizar soluções e resolver problemas.

Presidente Kubitschek na usina hidrelétrica de Furnas, Minas Gerais.



Em tempo

Foi no governo JK que muitos órgãos bem conhecidos hoje foram criados. Entre eles, a Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (**Sudene**), que surgiu ao lado do Departamento Nacional de Obras contra as Secas (**Dnocs**).

A Sudene pretendia incentivar a industrialização do Nordeste. Era formada por técnicos competentes e estava ligada diretamente ao presidente da República.

A política econômica do governo Juscelino Kubitschek provocou, de fato, grandes mudanças no país. Os números ajudam a entender melhor os resultados alcançados pelo Plano de Metas e o que ocorreu nos anos JK.

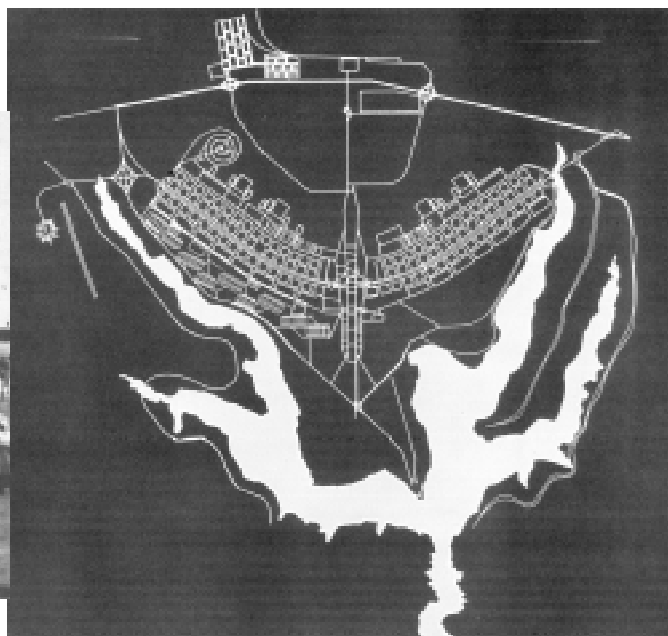
Pelo quadro abaixo, você pode acompanhar o sucesso de algumas das metas propostas pelo governo:

	1956	1961
Energia elétrica	3.000.000 kw	5.000.000 kw
Produção de carvão mineral	2.000.000 t	3.000.000 t
Produção de petróleo	6.800 barris/dia	75.500 barris/dia
Celulose e papel	90.000 t	200.000 t
Produção siderúrgica	1.000.000 t	2.000.000 t

Brasília e a inflação

Juscelino escolheu como símbolo do seu período de governo a construção da nova capital no interior do país. O urbanista Lúcio Costa e o arquiteto Oscar Niemeyer foram convidados a conduzir os trabalhos de criação e realização do projeto.

Aspecto da construção de Brasília.
Ao lado, o projeto da cidade.



A construção de Brasília provocou um grande entusiasmo na população, que via surgir, no meio do cerrado do Centro-Oeste brasileiro, uma nova cidade.

Para lá se deslocou enorme quantidade de trabalhadores, principalmente do Nordeste. Eram os **candangos**, como foram chamados os operários da construção civil que ergueram Brasília.

Prepare-se para um exercício mental.

Vamos imaginar a construção de uma cidade. O que é preciso existir em uma cidade?

Sabe por que nós não pensamos nisso com frequência? Porque, em geral, uma cidade se faz aos poucos. É preciso que tenha serviços públicos, escolas, hospitais, ruas, locais de moradia, de diversão...

E se essa cidade for construída para ser a capital de um país do tamanho do Brasil? Precisarão ter todos os serviços do governo, as repartições... Os ministérios terão de se deslocar da antiga para a nova capital...

Pense sobre isso para entender por que os anos JK foram tão falados.

Pausa

O próprio presidente confessou que a construção da nova capital foi tarefa dura.

Não foi fácil. Nem esperava eu que o fosse. Não me habituei, desde a infância, às coisas fáceis. Tudo que consegui foi lutando decididamente, à custa de trabalho e sacrifício, não sei se mais trabalho ou mais sacrifício, mas ambos igualmente porfiados e duros. Posso assegurar, todavia, que a luta por Brasília foi um dos combates mais árduos de minha vida. A medida de minha determinação de levar a cabo a construção da nova capital pode ser dada por um simples exemplo: assoberbado



Aspecto do prédio do Congresso Nacional em Brasília.

por problemas de toda a ordem, com trinta metas a cumprir, viajei, durante os 41 meses da construção de Brasília, quase trezentas vezes para o local das obras. Não parei, não descansei, não ouvi os críticos nem os temerosos. E o resultado aí está: Brasília – Capital da Esperança.

Mas a construção de Brasília desviou a atenção da população de outros problemas que estavam ocorrendo. Um deles era a inflação, provocada pelos gastos excessivos do governo.

Quando Juscelino assumiu o poder, os preços subiam 12,5% ao ano; quando deixou o governo, essa taxa tinha subido para 30,5% ao ano.

Entretanto, foi nesse período que o salário mínimo teve o seu mais alto poder aquisitivo. Os 3.800 cruzeiros de 1957 compravam 22% mais que os 240 cruzeiros de 1940, ano de criação do salário mínimo.

O fato de o governo gastar mais do que arrecadava de impostos fazia com que aumentasse a dívida do Estado. Você sabe que, se gastamos mais do que ganhamos, o resultado é dívida!

Além de gastar muito para construir Brasília, o governo também gastou muito aumentando os salários dos funcionários civis e militares. E, mais ainda, gastava dinheiro porque emprestava aos empresários com juros baixos.

Como nessa época não existia correção monetária, os empresários recebiam empréstimos dos bancos e, quando iam pagar as dívidas, acabavam pagando muito menos do que haviam tomado de empréstimo, porque com a inflação a moeda tinha se desvalorizado.

Um outro problema que JK teve de enfrentar foi o dos produtos agrícolas que eram exportados. O Brasil foi recebendo cada vez menos pela mesma quantidade que vendia no exterior – seja porque os preços estavam baixando no mercado internacional, seja porque começaram a surgir concorrentes, como no caso da produção de café.

Todas essas dificuldades levaram JK a tentar diminuir o déficit ou seja, a dívida, pois as críticas à sua política começavam a aumentar. Essas críticas não eram apenas internas: também vinham dos organismos internacionais que estavam dando empréstimos ao Brasil para financiar parte do Plano de Metas.

Juscelino preparou então um programa de estabilização que pretendia restringir o crédito aos empresários. Mas estes, imediatamente, se organizaram contra o governo.

Para que o Brasil continuasse recebendo empréstimos estrangeiros, o Fundo Monetário Internacional (FMI) teria de concordar com essa política de estabilização do governo. E o FMI fez numerosas exigências para aprová-la.

Acontece que, nesse momento, os nacionalistas e os comunistas passaram a fazer severas críticas a JK, acusando-o de se submeter às decisões estrangeiras. Os nacionalistas e os comunistas estavam convencidos de que isso levaria o Brasil a se tornar dependente dos Estados Unidos, a perder a sua soberania.

Correção monetária quer dizer correção do valor do dinheiro, ou seja, o acréscimo pela depreciação do valor original.

O FMI é uma organização financeira internacional criada em 1944. Trata-se de uma agência especializada da Organização das Nações Unidas (ONU), que faz parte do sistema financeiro internacional. O FMI foi criado com o fim de promover a cooperação monetária no mundo capitalista e levantar fundos para auxiliar os países que encontrem dificuldades nos pagamentos internacionais.

Ao final de seu governo, Juscelino queria fazer o seu sucessor. Preferiu ganhar as simpatias dos militares, empresários, comunistas, nacionalistas, e rompeu as negociações com o FMI. Abandonou, assim, o programa de estabilização. Ele queria que o seu sucessor fosse o general Lott, candidato do PSD-PTB, mas não obteve sucesso. O eleito foi Jânio Quadros, que teve o apoio da UDN.

A política nacional-desenvolvimentista definida no governo JK não se encerrou com o fim do seu mandato. Ela teria continuidade, principalmente durante os governos militares após 1964.

Mas a **Era JK** não foi só de desenvolvimento econômico. Foi uma época de grande criatividade cultural, em que surgiram movimentos como o Cinema Novo, a Bossa Nova. Foi uma fase de muitos debates de idéias.

Foi ainda durante o governo de JK que o Brasil ganhou a Copa do Mundo na Suécia, em 1958!

Agora, você certamente já começou a entender por que o governo JK deixou boas lembranças, por que esse período é visto como os “anos dourados”...

Últimas palavras

Exercício 1

Releia o item **A estabilidade: a aliança PSD/PTB e as forças armadas**. Explique como o presidente Juscelino Kubitschek conseguiu obter apoio político e militar.

Exercícios

Exercício 2

Explique a frase contida no texto: “O governo Juscelino Kubitschek provocou, de fato, grandes mudanças no país”.

